

MENDES, Edilberto. Dramaturgia como operação fantasmática: ficcionalização da seca e subjetivação política no trabalho da Cia. teatral Engenheiros da Arte. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Professor Orientador Dr. Alex Beigui de Paiva Cavalcante. Dramaturgo.

### RESUMO

O artigo aqui proposto é parte de uma pesquisa que investiga a produção dramática como operação fantasmática. Mais especificamente, se interessa pelas formas como a releitura e reescrita cênica de fatos históricos produz / põe em funcionamento regimes de percepção e sensibilidade / estruturas de sentimento que atuam na configuração e reconfiguração de identidades culturais. O campo empírico escolhido para essa reflexão é o trabalho do grupo teatral Cia. Engenheiros da Arte, de Senador Pompeu, Ceará, na encenação anual da peça Campo de Concentração de 32, de Valdecy Alves, que atualiza a memória social referente à experiência histórica da seca de 1932. Aplica-se as noções de “fantasma”, de Giorgio Agamben, e de “figura”, em Erich Auerbach, para recuperar a emergência, ao final do século XIX, de um empreendimento estético pelo qual o sofrimento da seca se transfigura numa imagem / fantasma – o retirante – que agencia o sentimento de compaixão, tornando-o um modelo de ação social, de subjetivação política. A pesquisa efetua uma leitura das reaparições dessa figura na produção dramática contemporânea, dos modos como ela metamorfoseia-se e move-se, influenciando e organizando concepções e ações sobre si mesmo e o outro.

**Palavras-chave:** Dramaturgia. Fantasma. Figura. Identidade. Subjetivação.

### ABSTRACT

The article presented here is part of a research that investigates playwriting as a phantasmagoria. More specifically, it is interested in the ways in which the rereading and rewriting of historical facts for the stage produces schemes of perception and sensitivity / structures of feeling that operate in the configuration and reconfiguration of cultural identities. The empirical field chosen for this analysis is the work of the theater group Cia. Engenheiros da Arte, in Senador Pompeu, Ceará, staging the play Campo de Concentração de 32, by Valdecy Alves, that updates the social memory concerning the historical experience of drought in 1932. We apply Giorgio Agamben's notion of "phantasma", and Erich Auerbach's "figure" to speculate about the emergence, at the end of the nineteenth century, of an aesthetic work through which human suffering during droughts is transformed into an image / phantasma - the "retirante" – that evokes the feeling of compassion, making it a model of social action and political subjectivity. The research makes a reading of the reappearances of this figure in contemporary dramaturgical production, the ways it is metamorphosed and moves, influencing and organizing ideas and actions about oneself and the "other".

**Keywords:** Playwriting. Phantasmagoria. Figure. Identity. Subjectivity.

A peça *Campo de Concentração de 32: a tragédia da união da seca com a seca de homens*, de Valdecy Alves, encenada anualmente no município de Senador Pompeu, Ceará, pela Cia. Engenheiros da Arte, promove a releitura e reescrita de um tema recorrente na produção ficcional sobre o Nordeste: o sofrimento do retirante em períodos de seca. Trata-se, como se sabe, de um motivo saturado pelas imagens e estruturas de sentimento forjadas por toda uma tradição histórica, literária, cênica, jornalística, sociológica, visual etc.

Albuquerque Júnior (2011) enfatiza que a seca, assim como o coronelismo, o cangaço, o messianismo, entre outros temas, faz parte de um estoque de imagens e textos historicamente construídos que instituem a região nordeste como espaço sociocultural distinto, e que tem servido para demarcá-la como alteridade, como região subalterna em relação ao Centro-Sul. Essas imagens, sistematicamente acionadas e transmitidas em romances, filmes, peças de teatro, músicas, trabalhos acadêmicos e jornalísticos etc., estão fortemente sedimentadas na cultura, de modo que qualquer produção contemporânea que tematize a seca terá de se confrontar com esse imaginário.

A seca no Nordeste brasileiro tal como a entendemos hoje, relacionada à destruição da produção agropecuária, miséria, fome, migração etc., é uma construção que se consolida no século XX. Revisando a história das secas no Ceará, Neves (2007) comenta que a irregularidade das ocorrências de chuva no semiárido constitui, historicamente, um desafio para as sociedades que ali se estabeleceram. Antes da colonização, as tribos que habitavam essas terras migravam para áreas mais úmidas nos períodos de estiagens prolongadas. A ocupação colonial com base na pecuária, por sua vez, também possibilitava essas migrações temporárias, de modo que até meados do século XIX as secas não constituíam um problema que mobilizasse a atenção dos setores dominantes.

Vários fatores contribuíram para a mudança nessa relação sociedade e natureza no semiárido. Primeiramente, a Lei de Terras de 1850 e a conseqüente valorização da terra como bem econômico provocou uma reorganização do espaço com a expansão da cultura algodoeira por todo o Ceará, ocupando as áreas úmidas onde a população do semiárido se “refugiava” nas longas estiagens. Mais tarde, com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861 – 1865) afetando gravemente a produção de algodão naquele país, o Ceará se tornou um grande centro exportador, de modo que os algodoeiros se expandiram ainda mais.

Apesar do declínio da cultura do algodão após a retomada da produção nos EUA ao fim da guerra, uma nova configuração do espaço econômico, uma nova forma de relação com a natureza já estava estabelecida. Quando sobreveio a grande seca de 1877, a migração temporária no modo como ocorria, para terras limítrofes do semiárido, já não constituía alternativa para a população de pequenos agricultores cuja produção foi drasticamente afetada. É então que a retirada, na condição de pedinte que busca auxílio se torna praticamente a única saída, e a capital, Fortaleza, o principal destino:

Em um ano mais de 100 mil desses “invasores” esfarrapados ocuparam as praças, as ruas, as calçadas e o Passeio Público de uma cidade que procurava adaptar-se aos padrões civilizados dos grandes centros e que não contava com mais do que 27 mil habitantes. Notícias diárias de cenas impactantes aterrorizaram os provincianos cidadãos da capital: roubos, prostituição, suicídios, assassinatos, antropofagia, mendicância... (NEVES, 2007, p. 82)

Sem planejamento para lidar com a situação, o poder público empreende ações de emergência: distribuição de alimentos, encaminhamento dos sertanejos para o trabalho obras públicas ou ainda o embarque para a Amazônia. Essas medidas emergenciais não conseguem evitar a configuração de um verdadeiro caos urbano, com “as ruas e praças de Fortaleza ocupadas por “abarracamentos” fétidos onde as epidemias se espalhavam com a maior facilidade provocando grande mortandade entre os retirantes e habitantes da cidade” (NEVES, 2007, p. 83).

Esse quadro impactante da seca de 1877-79, elaborado narrativamente, foi decisivo para a emergência de um imaginário que relacionava a realidade da estiagem ao martírio, à fome, à desordem, ao caos. E a criação literária tem um papel central na constituição desse imaginário, já que a seca de 1877-79 é retratada nos romances considerados inaugurais da chamada literatura da seca, como *Os Retirantes* (1879), de José do Patrocínio; *A Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; e *Luzia Homem* (1903), de Domingos Olympio. É o nascimento estético do retirante em sua condição de sub-humanidade, ao mesmo tempo alvo da comiseração e do temor, do assistencialismo e da repugnância. Uma figura maltrapilha, suja, sem instrução, dependente da caridade alheia, que representava uma afronta à emergente sensibilidade burguesa.

Nos romances novecentistas que inauguram a literatura da seca os retirantes representam quase sempre um outro sem nome, via de regra uma massa humana, sem individualidade, disforme física e moralmente pelo intenso sofrimento. A descrição pormenorizada dos terríveis efeitos da inanição e das doenças relacionadas nos corpos desses retirantes, ao mesmo tempo em que provam “a dependência do homem em relação à fatalidade das leis naturais”, como é característico do naturalismo (BOSI, 2006, p. 182), operam no estabelecimento de um elo sensível com o leitor pela tensão repulsa / compaixão. Nesse sentido, é forçosa a demarcação do estado de sub-humanidade a que é reduzido pelas misérias da seca. A compaixão<sup>1</sup> surge, desse modo, como o sentimento que apazigua o espírito afetado pela força das imagens de sofrimento que ameaçam a ordem de uma sociedade civilizada, na

---

1 Laqueur (1995) situa a emergência sistemática desse tipo de narrativa no humanitarismo do século XVIII. Nelas, o leitor é solicitado a solidarizar-se com o corpo do sujeito sofredor, a senti-lo de modo vicário e, nessa experiência, posicionar-se como ser humano que age no mundo, ainda que apenas em nível de emoção. O romance realista é a forma narrativa com potencial obvio para provocar compaixão por empregar uma variedade de técnicas miméticas que, ao mesmo tempo que obscurecem seu caráter ficcional, criam uma “experiência viva” que adquire autoridade pelo fato de ser, aparentemente, um relato da “experiência real” (LAQUER, 1995, p. 245).

medida em que oferece um modelo para se posicionar diante do terrível. A compaixão é, assim, o sentimento que organiza a aparição do retirante como figura.

O fenômeno da seca com proporções de calamidade se repete ao longo do século XX, dando ocasião para o retorno e sedimentação dessa figura do retirante. Esse retorno se dá de forma sistemática no chamado “romance de trinta”, em obras como *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O Quinze* (1930), de Raquel de Queiroz; e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. Essa literatura reconstrói a figura do retirante sob um novo programa estético-político que entende a arte como uma intervenção social, como espaço de discussão dos problemas nacionais. O realismo “científico” e “impessoal” do século XIX deu lugar ao investimento em uma “visão crítica das relações sociais” (BOSI, 2006, p. 415). Não se trata mais, portanto, de evidenciar com minúcias de detalhes as distorções no corpo e na moral do retirante provocadas pela fome, pelo sofrimento extremo, a fim de suscitar a compaixão. O que se quer agora, ao olhar, ver e mostrar o retirante, é tornar sua situação de opressão inteligível como efeito de uma estrutura social marcada pela desigualdade. A seca se impõe como a situação social que demarca a condição de subalternidade do nordestino.

A repetição exaustiva em produções culturais e estéticas posteriores das mesmas imagens e estruturas de sentimentos em relação ao retirante, assume o caráter de uma operação fantasmática no sentido atribuído por Agamben (2007) de formas e figuras emprestadas de outras épocas.

Quais as implicações estético-políticas de fazer reaparecer a figura do retirante na contemporaneidade? O que isso nos diz da forma como os sujeitos envolvidos nesse processo se auto subjetivam e, por extensão, dos circuitos imaginários que ordenam essa subjetivação?

A peça o faz de um modo muito particular. Reescreve a experiência histórica do sofrimento de retirantes durante a seca de 1932 a partir do modo como esse fato foi figurado pela própria cultura local. Seguindo uma tradição que remonta ao Cristianismo Primitivo, os sertanejos relacionaram o sofrimento dos retirantes ao sofrimento dos primeiros mártires cristãos, produzindo santos. Essa conversão da experiência histórica em figura (AUEBACH, 1997) é a operação de linguagem que dá origem ao culto dos “mortos da barragem”, considerados milagreiros. A peça, portanto, reescreve o fato histórico do ponto de vista dos setores subalternos.

Observa-se na leitura do texto dramático a partir do qual é erigido o construto cênico a cooperação entre a interpretação figural popular e as imagens erigidas pela cultura hegemônica para acionar as mesmas estruturas de sentimento que tradicionalmente orientam a leitura política da seca: a compaixão e a injustiça social.

Isso aparece de forma explícita, por exemplo, num diálogo entre os flagelados e um coro. Enquanto os primeiros atribuem ao destino sua situação de miséria, o coro adverte:

Meu amigo vou dizer  
A verdade do sertão  
Não é deus, nem o diabo  
Os culpados da opressão  
A mudança de verdade  
Vai brotar da inclusão  
Ou no campo ou na cidade  
Terra, emprego e educação  
Do destino nada escrito  
Todos livres pra opção  
Quanto ao bem quanto ao mal  
Depende da opinião (ALVES, s/d, p. 2)

E mais adiante, numa cena em que um padre, seguido por retirantes, rezam o “Pai Nosso dos Flagelados”, que encerra com a seguinte invocação:

Não nos deixem  
Cair na tentação  
De não construirmos nossa Consciência  
De não Edificarmos o nosso destino  
De nos omitirmos à luta  
O que é o maior mal  
Amém! (ALVES, s/d, p. 7)

A peça, como se vê, tem a orientação política de “conscientizar” a população sobre seu lugar de sujeitos nos processos históricos. A reescrita da cena histórica quer instituir um espaço de enunciação por meio do qual aqueles sujeitos subalternos encontrem inspiração para se reposicionarem na cultura. Essa subjetivação, no entanto, é atravessada pelas imagens já postas sobre o fenômeno da seca e que funcionam como categorias de classificação e identificação, num claro indicativo da indefinição da “fronteira entre a razão dos fatos e a razão da ficção” (RANCIÈRE, 2005, p. 58) e da complexa dinâmica pela qual os sujeitos políticos extraem a si mesmo das categorias estéticas dominantes.

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias**: a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução. Dissertação de mestrado apresentada à UNICAMP. Campinas: 1988. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000017925&fd=y>, acesso em 02/03/2013.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.



ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



- ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.
- AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OLYMPIO, Domingos. **Luzia Homem**. São Paulo: Ática, 1998.
- PATROCÍNIO, José do. **Os Retirantes**, 2 vs., São Paulo: Editora Três, 1973.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- SOUZA, Simone de. (org.) **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: FDR, 2007.
- TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.